

**QREN - Aldeias de Memória**

## **História de Vida**

de

**José Albano Marques**

registada em 2009-02-05  
por

Carla Aguiar e Cláudia Simões



## **José Albano Marques**

Na freguesia de Alvôco das Várzeas, concelho de Oliveira do Hospital, nasceu a 10 de Outubro de 1939 José Albano Marques. Filho de José António e Rita da Conceição, “viviam da agricultura mas trabalhava-se muito e não se tinha nada”. Da casa de infância recorda a cozinha funda de lareira. Fez a terceira classe aos 9 anos e a quarta classe em adulto, “já tinha feito 22 anos” porque queria tirar a carta. Casou com 22 anos. No dia 8 de Abril de 1962. “Vimos a pé de Pai das Donas para aqui para a Benfeita. Eu ia vestido com um fato preto, uma gravata branca.” Tem três filhos. Dois rapazes e uma rapariga. Tem quatro netos. Do percurso profissional recorda o primeiro ordenado de 10 escudos nos serviços florestais. Teve várias profissões mas o local onde permaneceu mais tempo foi numa fábrica em Arganil. Era de serração de madeiras, móveis e materiais de construção. Precisava lá de um motorista e o irmão “desencaminhou-me para eu ir para ali e ainda bem. Estive lá 28 anos”.

# Índice

Identificação José Albano Marques.....	4
Ascendência José António e Rita da Conceição.....	4
Casa Casas: passado e presente.....	5
Educação Nunca é tarde para aprender.....	6
Infância Um diazito para ajudar em casa.....	8
Religião Uma igreja cheia.....	9
Namoro Um namoro a brincar.....	9
Casamento Um casamento com três refeições.....	10
Descendência Três filhos e quatro netos.....	10
Percurso profissional O caminho até ser motorista.....	11
Costumes Uns costumes diferentes de agora.....	12
Lugar As origens da Benfeita.....	18
Pessoas Os médicos da Terra.....	21
Quotidiano Cinco dias da semana no Centro de Dia.....	21
Avaliação "Hoje não sabem o que é vida".....	22

## **Identificação *José Albano Marques***



**José Albano Marques (1964)**

O meu nome é José Albano Marques. Nasci na freguesia de Alvôco de Várzeas, Concelho de Oliveira do Hospital a 10 de Outubro de 1939.

## **Ascendência *José António e Rita da Conceição***

O meu pai chamava-se José António e a minha mãe Rita da Conceição. Viviam pobremente, infelizmente. Vivíamos da agricultura mas trabalhava-se muito e não se tinha nada. Tudo quanto a gente amanhava, tinha que dar aos donos, a pagar pensões. Eram tempos de miséria. Era só os animaizitos que a gente criava é que iam dando alguma coisita. Passava-se fome. Tinha-se

alguma coisita. Era uma batatita que se semeava, umas cebolitas que tinham, uns mimozitos. Agora o milho, às vezes não chegava para pagar a pensão aos donos. Tínhamos o vinhito e os animais criavam-se. Tínhamos ovelhas, cabras e umas galinhas. Era assim a vida. Era a minha mãe quando estava em casa que tomava conta dos animais. Quando havia meio diazito tinha que ir ganhar para se comprar azeite, o arroz e a massa, e eu ajudava.

O meu pai chegou a andar perto do Porto para a resina. Depois de começar a guerra, em 1942 andou perto de Castro d'Aire. Andou ali na resina mas a vida era má. Quando não havia resina iam para, chamavam, Borda d'Água, para o Alentejo para ceifa do trigo. Andavam lá sete meses para ganhar alguma coisita. Assim iam vivendo a vida.

As minhas irmãs, todas foram servir para ajudar a casa, eu mais o meu irmão é que nunca fomos para servir. Éramos cinco irmãos, três raparigas e dois rapazes. O mais novo vive em Arganil, casou lá e a mais velha também casou em Arganil. Os outros dois estão lá para os lados de Lisboa.

## ***Casa Casas: passado e presente***

### **As casas antigas**

A casa dos meus pais era uma casa velha que até já está a cair. Ainda o ano passado eu lá estive. Já está tudo abandonado. Era uma casita com dois quartos mal arrumados, feitos de madeira, sem portas sem nada e a gente assim vivia. Tinha uma loja que chamavam adega. E tinha outra loja por baixo onde criavam os animais, quase juntos com as pessoas. Era tempo de miséria.

Tínhamos daquelas cozinhas fundas de lareira. A gente sentava-se no bordo e aquecia-se com a lenhita quando havia. Eram aquelas, chamavam, cozinhas de chafurdo. Havia muitas dessas cozinhas. As casas antigas era tudo assim.

Com o meu pai nunca comíamos sem rezar. Tínhamos que rezar.

### **"Uma casa mais bem preparada"**

Depois de casar fui morar para Pai das Donas, na casa que ainda hoje é minha. Era mais ou menos como está agora. Já fiz lá umas obrazitas, depois mais tarde comprei-a. É melhor que a dos meus pais. Está mais bem preparada. É outra coisa. Tem as lojas, uma casa de banho que eu já fiz, cozinha, sala. Tem mais

quartos, tem dois andares. É muito diferente. Eu tenho terrenos. Na altura que casei não tinha. Amanhava dos outros. Hoje tenho meus e não os posso amanhoar.

## **Educação *Nunca é tarde para aprender***

Entrei para a escola com 7 anos em Alvôco das Várzeas. Fiz a terceira classe aos 9 anos. Valia mais que agora a quarta. Ia descalço muito vez porque não havia dinheiro para o calçado. Era assim uma vida muito triste.

### **"Mais respeito do que há hoje"**

Na escola brincávamos e levávamos porrada da professora. Havia mais respeito do que há hoje com as professoras. Eram duas escolas. Uma para rapazes outra para raparigas e chegou cada professora a trazer 60 alunos. Quando fiz a terceira classe, a professora das raparigas tinha menos alunas. Fomos os rapazes para a escola das raparigas. Para ficarem as professoras com tantos alunos como as outras. Lembro-me que algumas professoras eram más. Outras eram melhores mas a gente, às vezes, também era estúpido. Havia lá cada calmeirão já com 16 anos, maus. Ainda andavam na escola. Depois a gente éramos mais pequenitos e eles batiam à gente, se a gente dizia qualquer coisa.

### **O calmeirão**

*Lembra-me que uma vez uma professora deu-me uma régua. Diz-me ela assim:*

*- "Vais dar tantas reguadas ao teu colega."*

*Eu vi-o calmeirão e eu pequenito pus-me a olhar para ele, tive medo dele, disse assim:*

*- Depois apanhas-me lá fora e então chegas-me.*

*Diz-me assim a professora:*

*- "Dá cá a régua. Não lhe dás a ele, leva-las tu."*

*E levei-as eu, dez reguadas.*

### **O giz azul**

*Tinha quadros para escrever, papéis e tudo. Os livros eram diferentes de agora.*

---

*Lembro-me que uma vez, estávamos a escrever no quadro, a fazer contas, ali todos, e havia uns tinteiros nas carteiras. Tinham uns buracos que eram uns tinteiros redondos cheios de tinta que era onde a gente molhava as canetas. Não havia canetas como agora. Ali é que a gente molhava a caneta para escrever no papel. Depois um dia estávamos no quadro e eu queria ver o giz escrever azul no quadro e molhei o giz no tinteiro da tinta. A professora deu-me duas chapadas que eu ia caindo para o chão.*

## **Bonecos de trapos**

Não havia cá brinquedos. A minha mãe antigamente fazia umas mantas de fitas, de trapos. Eram de trapos velhos, daquelas fitas, depois faziam rolos deles e eu roubava-os, às vezes. A minha mãe com uma meia velha, metia aquilo e depois era a bola para a gente chutar. Era assim que a gente se entretinha. Nós tínhamos um terreno grande ao pé da escola, passava a estrada mesmo à beira. Jogávamos à bola, ao pião, ao feijão nos buracos com uns arcos. Divertíamos conforme podíamos.

Tínhamos que varrer a escola ao fim-de-semana. Lavar, varrer e limpar as casas de banho. Não era como agora. Era muito diferente. Os rapazes tratavam da escola deles e as raparigas da delas. Não ia lá ninguém lavar.

## **Quarta classe em adulto**

Tenho a quarta classe. Fiz depois em adulto. Pensei em tirar a carta de condução, tive que fazer a quarta classe. Fui a Arganil a uma senhora, uma explicadora. Fui lá cinco vezes, das três às cinco. Depois fui fazer o exame da quarta classe numa escola lá em Arganil que hoje está fechada. Éramos 35 a fazer o exame de adultos. Todos para fazer a quarta classe. Eu tinha saído da escola já há 12 anos. Já estava casado, já tinha feito 22 anos. Não sei se os outros sabiam, se não sabiam. A professora viu-me mais esperto ao fazer os problemas e as contas. Alguns estavam lá a fazer as contas e não sabiam. Eu até lhes passei assim um papelito com as contas pela carteira e o professor, o chefe topou e fez-me sinal. Depois eram duas professoras e um professor. Duas já morreram, o professor ainda é vivo.



## **"Um problema com umas quatro ou cinco contas"**

*Havia aqueles quadros na parede, de pedra, onde a gente escrevia com giz. Depois a professora, começou-me a fazer umas perguntas e mandou-me ao quadro fazer um problema com umas quatro ou cinco contas. Ainda me lembra, diz ela assim:*

*- "Você vai assim a uma fábrica, compra um corte para mandar fazer um fato. O corte custou-lhe tanto, o alfaiate levou tanto, as linhas custaram tanto, os botões custaram tanto... "*

*E eu para o quadro, truca, truca, truca... E os outros 30 e tal todos a olharem para mim. Bateu tudo certo. Tinha mais cabeça que tenho hoje. Esse professor, que era professor lá da instrução primária, disse-me que eu podia fazer a quarta classe ao pé dos alunos de instrução primária que não ficava mal.*

Correu bem, graças a Deus. Tenho lá o diploma. Depois então tirei a carta.

## **Infância *Um diazito para ajudar em casa***

### **"Que remédio tinha eu"**

Eu nas férias da escola ajudava a minha mãe. Andei a carregar cavacas. Eram cavacas de metro que iam para as fábricas. Andava ao pé da minha mãe com 8 anos. Que remédio tinha eu. E quando andava na escola, se eu vinha às vezes mais cedo, ajudava. De manhã não tinha tempo que ainda era longe. Era meia hora de caminho, tudo estrada. Íamos a pé. Quando estava a chover lá tínhamos que ir com o chapeuzito aberto. Mesmo com geada ia descalço que não havia dinheiro para calçado. Aquilo pertencia à Freguesia de Alvôco mas era umas territas desviadas "pia cima"<sup>1</sup>. Era assim. Nas férias é que eu ajudava a trabalhar na fazenda, a guardar e a tratar do gado. Ajudava a regar. E quando havia um diazito eu ia com a minha mãe para carregar as tais cavacas às costas, trabalhar, ganhar dinheirito. Eram vidas tristes.

<sup>1</sup>por aí acima

## **"Não tinha força para pegar no machado"**

Vim para Pai das Donas com 10 anos. Houve um senhor que casou com uma viúva, numa terra que é as Luadas. Pertence à Benfeita. Ela tinha resina e o meu pai veio para resineiro, trabalhar para esse homem. Depois havia na Benfeita mais fazendas e eram mais produtivas que nós lá em Alvôco. Viemos para uma fazenda. Vim cá fazer 10 anos. Depois fiquei a trabalhar para ajudar a minha mãe. Era a carregar cestos de terra às costas. Isto é tudo ladeira. Tinha que se trazer do fundo para cima, para se puder cavar por baixo. Roçar mato para os animais, cuidar dos animais.

Quando para cá vim, já não havia resina. Nessa altura andei com um senhor aqui da Benfeita a rachar lenha. daquelas de lenha a metro. Era um com um machado de um lado, outro do outro. Eu não tinha força para pegar no machado, para ajudar o meu pai. Mas lá tinha que ir devagar para o ajudar. Para se ganhar alguma coisa para se comer.

E íamos trabalhar nos serviços florestais. Mas os serviços florestais era umas verbas que tinha. Quando acabava a verba, o pessoal ia para casa.

## **Religião *Uma igreja cheia***

Também fiz a Primeira Comunhão. Ia à missa todos os domingos. Lá em Alvôco tínhamos um padre que era muito bom. A doutrina era o padre e as catequistas que ensinavam.

Esteve cá um senhor na Benfeita, chamavam-no padre Redondo, que foi o que construiu o Centro de Dia. Aquilo era a casa paroquial. Esteve depois um outro chamado padre Loureiro e agora é o padre Dinis que está em Côja. Faz a Benfeita, mas está em Côja.

Aos domingos enchia-se a igreja de pessoal para a missa. Vinha tudo, rapazes e raparigas, homens. Vinha tudo para a missa. Não se trabalhava. Só tratar dos animais ou regar, quem tinha que regar porque não podia perder a água. Mais não se andava aí agarrado a uma enxada, nem ao mato, nem à lenha. Era diferente.

## **Namoro *Um namoro a brincar***

Eu morava no Pai das Donas e a minha mulher também lá morava. Era de uma terra chamada Sobral de Casegas na altura, hoje é Sobral de São Miguel.

Pertence ao Concelho da Covilhã. Lá também era mau. Os pais dela também vieram para tratar fazenda.

Andávamos um dia a passear e começámos na brincadeira a namorar e mais tarde casámos.

### **Casamento *Um casamento com três refeições***

Casei-me com 22 anos. No dia 8 de Abril de 1962. Viemos a pé de Pai das Donas para aqui para a Benfeita. Eu ia vestido com um fato preto, uma gravata branca. Era na altura o que se usava. E ela de vestido branco. Ainda não havia estrada. Viemos ter aqui à igreja e depois comêramos o almoço. Matou-se umas ovelhas e isso tudo. Tínhamos ainda uns 40 ou 50 convidados. Nessa altura a vida já era melhorzita. Foi almoço, foi jantar e ao outro dia o pessoal de família ainda comeu quase todo.

E assim seguiu a vida a termos que trabalhar. A minha mulher tratava da vida de casa e na agricultura. Tratar dos animais, roçar mato para os animais e ceifar erva. Tínhamos ovelhas, cabras, porcos, galinhas. Tinha que se tratar de tudo.

### **Descendência *Três filhos e quatro netos***

Tenho três filhos. Dois rapazes e uma rapariga. Andaram na escola na Benfeita. Depois foi em Côja já no ciclo. O rapaz está empregado na Câmara de Arganil, mas trabalha na Junta. E o outro trabalha na fábrica onde eu trabalhei 28 anos. Está no acabamento das mobílias, nos móveis. Casaram os dois no Pisão de Côja, perto de Côja. A minha filha, essa foi para a Alemanha. Foi para lá para casa de uma vizinha minha que estava lá para tomar conta de um filho. Depois lá conheceu o marido, casaram e lá estão. Tem um filho.

Tenho quatro netos. Tenho duas miúdas do mais novo, uma neta do mais velho, que já fez 16 anos e o meu neto que está na Alemanha, tem 13 anos.

## **Percurso profissional *O caminho até ser motorista***

### **O primeiro ordenado**

Quando eu comecei a trabalhar, o primeiro ordenado que eu recebi foram 10 escudos por dia. Era a trabalhar nos serviços florestais com uma enxada. Cortar mato, cavar terra e semeávamos pinhal. A gente trabalhava à quinzena. Eram duas quinzenas por mês e de 15 em 15 é que pagavam. Era o forte cá da terra. Nestas serras era isso, nessa altura. Essas estradas que abriram, que vai para o Piódão, aquilo foi tudo feito à mão. Nada foi com máquinas. Era tudo à picareta e no martelo. Tudo feito pelos homens.

### **Trabalhos Passageiros**

Andei a trabalhar com um carro de praça dois meses, mas depois o carro avariou e venderam. Eu quis comprá-lo, mas a minha falecida mulher não quis. Diz que custava muito dinheiro.

Depois andei a trabalhar nos serviços florestais com um tractor. Se eu adivinho que vinha o 25 de Abril nunca tinha de lá saído. Hoje estava aí com uma reforma de 150 contos, que era Estado. Mas a gente não adivinha o que é que vem. Quando andava lá nem tinha abono para os filhos, nem tinha reforma, saí de lá.

### **Distribuidor do correio**

Andei a fazer o correio com uma carrinha de Côja ao Piódão por conta de um senhor do Monte Frio. Levava as malas para cima, trazia para aqui para a Benfeita, Cerdeira, tudo. Ao retorno fazia umas coisas. Nas horas vagas ia fazer o serviço dele. Eu ia à estação a Côja. Trazia o correio numas malas, nuns sacos de lona. Eu chegava lá, trazia, por exemplo, a mala do Pisão de Côja, da Dreia e da Benfeita. Depois chegava à Benfeita, deixava nos correios. Voltava para trás. Ia levar à Cerdeira, Moura da Serra e Piódão. Depois lá havia o carteiro para distribuir. Às vezes, esperava lá até à tarde. Se tinha que fazer no patrão, para ir fazer serviço com o carro, vinha-me embora e à tarde voltava lá a buscar. Fazia o percurso ao contrário.

## **Experiência Lisboaeta**

Depois fui para Lisboa. Tinha aí 23 anos. Já era casado. Já tinha o filho mais velho e a minha mulher andava grávida do outro a seguir. Ela ficou a trabalhar a fazenda em Pai das Donas. Um cunhado é que me para lá levou. Eu como tinha a carta andava com uma carrinha a levar pão aos depósitos de pão num senhor de Tábua. Chamava-se Padarias Castanheira de Moura. Ia levar aos postos, aos lugares, carregar às padarias. Trazia um ajudante comigo. Só andei dois meses em Lisboa. Havia muita gente a ir para Lisboa. Vinham à terra, às vezes, no Verão, outras vezes no Inverno. Era conforme. Outros levaram para lá as famílias. A minha mulher não queria ir para lá, e eu disse: eu estar aqui e ela lá não dá nada.

## **Trabalho de uma vida**

Depois um irmão meu, que é mais novo que eu, trabalhava numa fábrica em Arganil. Era de serração de madeiras, móveis e materiais de construção. Precisava lá de um motorista e desencaminhou-me para eu ir para ali e ainda bem. Estive lá 28 anos. Era motorista. De lá é que eu me reformei já vai quase em 12 anos. Reformei-me por invalidez, que não podia trabalhar.

## **Costumes *Uns costumes diferentes de agora***

### **As festas religiosas**

Havia festas. Eram sempre no Verão, em Agosto. Mas não eram festas como agora. Faziam sempre duas por ano. É a festa do Santíssimo em Junho e é a de Agosto. Mas eram sempre festas rijas. Hoje ainda fazem. Há missa, procissão e bailes, tudo.

A Senhora das Necessidades é uma capela que há onde fazem uma festa sempre em Setembro. É sábado e domingo, e já é muito. Fazem a missa, a procissão e depois fazem baile. Tem a quermesse.

No Natal era queimar os cepos. E hoje ainda fazem. Iam à lenha, buscar cepos de madeira e faziam a torgada de Natal. Põe-se o cepo a arder e está ali oito dias a arder. Até aos Reis, conforme. É ao pé da capela da Senhora da Assunção que costumam fazer.

---

A meio da Quaresma há o dia da serração da velha. Havia a pessoa mais velha da terra. Aí às dez horas da noite iam para perto de casa dela e com um serrote ou uma serra a serrar no pau. Depois diziam:

- "Ai minha avozinha que já estás quase serrada."

E era assim. Chamavam a serração da velha. Às vezes elas ralhavam:

- "Malandros, malandro."

Outras até gostavam, porque se lá iam é porque elas ainda cá estavam. Hoje já não há tradição, já ninguém faz nada disso.

Pela Páscoa fazem um dia diferenciado de festa e comem as amêndoas. Vai o padre a casa e mais dois ou três. Hoje nem vai o padre que ele não tem tempo para ir a tudo. Tem sete freguesias a cargo dele. Andam senhores, chamam os leigos, a dar as Boas Festas, de casa em casa.

## **Paródias e partidas**

No Carnaval antigamente faziam-se bailes e vestiam-se de entrudeiro, mascaravam-se. Até chegaram a fazer dois bailes. Um era em baixo e outro em cima no "oiteiro"<sup>2</sup>. Hoje não há gente nem para fazer um baile, quanto mais dois. Era uma guitarrita, uma viola, uma concertina, um acordeão e assim se fazia os bailes.

Pelo Carnaval enchiam os cântaros. Às vezes com coisas porcas. Depois batiam à porta das pessoas, elas vinham à porta e eles atiravam o cântaro lá para dentro. Faziam partidas de Carnaval. Às vezes, se fosse preciso até lá ia um gato morto dentro do cântaro ou ratos. Era aquelas partidas carnavalescas.

Também faziam uma paródia com o leite. A rapaziada juntava-se, iam ordenhar as cabras deste e daquele. Ainda hoje fazem.

Queimar o gato, isso era pelo São João. Punham um mastro, um pinheiro alto, e metiam lá um gato dentro de um cântaro de barro pendurado. Atavam aquilo com uma guita ou com um nagalho de palha. Depois botavam fogo ao pinheiro. Quando lá chegava ardia o que estava a segurar o cântaro, o cântaro caía abaixo, partia e o gato fogia da fogueira, se tivesse tempo.

Pelo São João também iam roubar os vasos todos às varandas e às casas. Traziam-nos todos para a praça, os vasos das flores. Hoje já não há rapaziada para isso.

O Dia da Cobra é em Maio. Dizem que é o Dia da Cobra, que a gente não pode levar nada para casa. E há quem ponha até giesta, dessas que se cria no mato às portas, encostadas na parede. Diz que é para não entrar a cobra.

<sup>2</sup>oiteiro

## **"O tempo não volta para trás"**

Tradição era quando eu era mais novo. Tinha 19, 20 anos. Juntávamo-nos e andávamos como as bruxas de terra em terra pelos bailes. Saíamos da nossa terra para a terra dos outros. Atravessar montes e oiteiro. Íamos dois ou três para uma terra. Não nos cheirava lá o baile íamos para a outra. Andávamos assim nessa vida. As raparigas também não queriam dançar com os da terra. A gente dizia: "Santos ao pé da porta não faziam milagres". Só queriam dançar com os de fora. Fartas de ver os da terra, andavam elas. Viam-nos todos os dias. Antes queriam dançar com os que vinham de fora, que queriam dançar com os da terra. E a gente íamos para fora, para outras terras. Dançar com as outras meninas. Era uma paródia. Às vezes, havia um mais maluco, por causa de uma rapariga armavam uma desordem no baile. Porrada uns com os outros. Havia muitos desordeiros. Havia de tudo como hoje há. Tinha-se saúde. Eu chegava de manhã dos bailes e no caminho encontrava o meu falecido pai que já ia com o cestito na mão para ir ganhar o dia na floresta. Já para o trabalho. Eu ainda vinha, chegava a casa mudava de fato, agarrava no cesto e ia pegar ao serviço aquando ele. Toda a noute andávamos na vadiagem. Era tempo. Para nós era, que tínhamos mais saúde. Agora... o tempo não volta para trás.

Houve dois ranchos na Benfeitá. Houve um já há muitos anos. Há mais de 50 anos. Era o Rancho do Manjerico. Houve um mais tarde, ainda há poucos anos. A minha filha que está na Alemanha e o meu filho mais novo ainda andaram neste rancho. Depois acabou tudo.

## **"Não havia fartura"**

Tenho uma neta que é do meu filho mais novo que aqui há tempos estava lá em casa dela e dizia-me, por causa do comer:

- "Ó avô quando você se criou era pior que agora?"

Digo eu assim:

- Ó menina, se tu viesses quando o avô veio, tu morrias à fome. Não havia frigorífico para guardar nada. Não havia gelados no frigorífico, não havia iogurtes, não havia nada. Tínhamos que comer a broazita. Não havia pão de trigo. Era a broa do milho que se criava nas fazendas. Todas as semanas cozinha farinha para termos a broa. Caía-nos uma migalha para o chão, a gente apanhava, soprava-lhe e metia na boca. Não era como agora. Coisas boas para comer, era a hortaliça e as batatas, os feijões e alguma frutazita, quem a tinha. Não havia fartura de fruta como há agora. Galinhas era quando me apetecia. Precisava matava uma. Era assim que se governava.

---

Não havia guloseimas. As guloseimas mais que a gente comia era o queijito fabricado em casa, feito do leite dos animais que a gente criava. Tínhamos que comer o que a terra dava.

O doce mais usado era a tigelada. Agora é que já fazem aqueles pudins, essas coisas todas, mas antigamente ninguém fazia. Faziam a tigelada, o arroz-doce e chamam as filhós. Eram aquelas que chamam coscoréis. Era o que faziam antigamente.

### **As sardinheiras**

Lá se comprava uma sardininha quando calhava. Um bocado de bacalhau, um bocado de peixe, e era quando havia. Tinha que se comer o que havia.

As sardinhas iam as sardinheiras à porta. Chegaram a ir três a Pai das Donas e a Luadas, daqui da Benfeita, a vender sardinha. Iam pela encosta fora, com uma caixa de 30 quilos à cabeça ou com um alguidar para ir lá vender. Havia lá também uma sardinheira que era da Benfeita. Casou lá e também vendia. Havia lá muito mais gente que agora. Já lá chegaram a morar 70. Uns morreram, outros estão para Lisboa, outros para um lado e para outro. Meus eram três filhos e nenhum lá ficou. Havia outros que tinham cinco e seis nenhum lá ficou. Tudo pregou a vida para outros lados e as povoações assim não têm pessoal.

### **"O sustento da casa"**

A carne se eu a apanhasse, bem a comia. O porco matava-se. Punha-se na salgadeira. Antigamente havia umas caixas de madeira, chamava a gente a salgadeira, e a carne conservava-se melhor que agora nos frigoríficos. Faziam enchido. Eram as chouriças. Era assim que a gente ia vivendo. Era o que dava para o sustento da casa.

No dia da matança do porco convidavam-se as famílias. Matava-se, pendurava-se e tratava-se. Fazia-se uma torresmada para se comer e assim se passava o dia. De manhã, por exemplo, matava-se o porco. Havia o matador, sangrava o porco. Depois chamuscava-se com umas carquejas. Raspava-se, lavava-se bem lavadinho e pendurava-se na loja. Chamava a gente um chamaril em madeira. Tínhamos um gancho nas traves das lojas, para pôr o chamaril pendurado. Depois o matador abria-o, apartava-se aquelas carnes para um lado e para o outro.

Tirava-se as tripas para as mulheres irem lavar. Para preparar que era para depois fazer as chouriças com as tripas. Iam lavar a uma bica onde tivesse água a correr, para as limpar. Eram lavadinhas e preparadas. Punham em sal e depois



então, aquela carne que era migada para as chouriças é que ia nessas tripas. Algumas, outras não.

Os lombos eram arranjados e iam para panelas. As chouriças depois de secas punham-se ao fumeiro, no caniço. Ao fim de feitas metiam-se nas panelas. Chamavam a "panela das aflições". Quando se viam enrascados para um almoço, iam lá à panela e tiravam uma chouriça ou um bocado de lombo e assim arranjavam um almoço ou um lanche para uma pessoa que chegava a casa.

Comia-se a torresmada ao meio-dia. A torresmada é carne de porco, aquela assim mais februda. Cortadinha aos bocadinhos, depois num tacho com temperos, com vinho, colorau, uma folha de louro e aí é que se faz os torresmos. Isso é que se chama a torresmada.

À noute ou ao outro dia de manhã, ia lá o mesmo matador. Cortava, aparava os presuntos como devia ser, as pás. Cortava aquela carne e depois salgava-se. Ia para a salgadeira. Era uma caixa em madeira, feita por os carpinteiros. Tinha uma tampa e depois punha-se ali a carne. Botava-se uma camada de sal no fundo. Muito sal. Um porco se fosse bom gastava-se ali 50 quilos de sal. Depois punham-se os presuntos no fundo e as pás. Depois sal, para não se estragar. Os outros bocados de carne iam pondo nos buracos, "pia cima". A cabeça, as orelhas, essas coisas todas que era o governo para todo o ano, lá se conservava.

## **Moinhos, lagares e alambiques**

Moinhos era por esses barrocos fora. Levei muito sarrão de milho para moer. Havia cinco seguidos. Na altura que havia água, toda a gente lá ia com o sarrãozito de manhã. Só se via no caminho a passar gente com a farinha para cá e com o milho para lá. À noute iam buscar outro tanto de farinha e levavam outro de milho. Quer dizer, hoje tinha eu direito, amanhã tinha direito os donos dos moinhos. Hoje, por exemplo, era meu, de manhã até à noute. Amanhã era de outro, depois era doutro, e assim iam moer no tempo que tinham cada um. O moinho era da povoação toda. Todos os herdeiros.

Há o moinho, chamam o Figueiral. E era um alambique. Agora é que foi tudo recuperado. Havia uns quatro ou cinco. Eram de proprietários. A gente para lá ir fazer aguardente tinha que pagar um tanto. De cada alambicada, 1 litro ou 2 de aguardente, era para dar ao dono. Um alambique é onde se transforma o cardaço de vinho em aguardente. Tem uma caldeira, em cobre, e tem uma parte por baixo funda. Depois tem uma tampa que se encaixa. Bota-se palha no fundo e depois vai-se pondo o cardaço mais grossinho, que é para não se agarrar no fundo da caldeira. Estando aí pelo, chama a gente colo, antes de chegar ao cimo, é "atampada". Posto aquela tampa, a tampa tem um tubo que encaixa e esse tubo

passa por dentro de um tanque que está sempre com água fria. Depois a gente põe com farinha, centeio, em volta para não sair fora. Depois põe-se-lhe o lume, e ela vai destilando lentamente, lentamente. A aguardente sai depois por esse tubo. Põe-se uma palhetazinha de madeira, uma vasilha a aparar e ela não pode correr muita. Tem que correr pouca. Porque se correr muita estraga-se.

Os lagares já era diferente. Isso já era de outro senhor. A gente mandava para lá a azeitona. Primeiro tínhamos de pagar um tanto para moer. O azeite nos lagares, nessa altura, tiravam 1 litro logo que era para a lenha de estar na caldeira. Para aquecer a água na caldeira. E depois, em cada 10 litros que o proprietário levava, tirava 1 litro para o trabalho de o fazer. Hoje é que é dinheiro. Agora não querem azeite, antigamente era tudo em azeite.

Também andei aí ainda de solteiro, a carregar sacos de azeitona às costas, para os lagares. Não havia estradas para irem carros. Era carros de bois. A gente tinha que levar os sacos até onde os bois iam. Onde não iam tínhamos que andar com os sacos às costas para cima do carro de bois.

## Comércio e ofícios

Antigamente a Benfeita teve duas fábricas de fazer caixas de fósforos. Depois essas fábricas foram vendidas para Espinho, que é lá para a zona do Porto. Ainda tinha umas pessoas empregadas.

Havia pedreiros. Havia colhereiros a fazer colheres de pau. O Sardal tinha muitos, os Pardieiros tinha muitos, a minha terra também tinha. As Luadas tinha muitos. Hoje já tudo acabou. Já só há um ou dois quase em colheres.

Havia muito mais comércio que agora. Era mercearias, petróleo, bacalhau, tudo. Havia uma mercearia no largo da Benfeita. Havia uma casa de panos. Um senhor, que tinha ovelhas, tosquiava as ovelhas tirava-lhe a lã e depois trocava-se por cobertores.

Nesse tempo, aos domingos, aqui há 50 anos atrás, a Benfeita povoava-se com gente para a missa. Vinham das terras todas. Do Sardal, Pardieiros... Vinha tudo à missa. Depois faziam na Benfeita as suas compras. No Sardal também havia uma tabernita. Nos Pardieiros havia duas. Não havia estradas. Hoje já há estradas por todo lado. Há os padeiros que levam pão, levam mercearias, levam tudo para as terras. Nessa altura vinham ao domingo. Eu ia carregado de sacadas para toda a semana. Era muito diferente de agora.

Onde hoje é o museu tinha lá a taberna. Vendiam várias coisas. Tabaco, vinho, uns petiscozitos, aguardente, anis, cerveja. Dava-se por um copito de vinho 5 tostões. Quem queria beber um copito ia lá. Comia um bolo ou um papo seco. Um azeitonas que o homem, às vezes, punha em cima do balcão e bebia-

se três, quatro copos. Uma sociedade de quatro ou cinco era assim que fazia. Jogavam cartas e assim se entretinham.

Hoje nem tem comparação. Comércio é muito menos. Chegou a haver outra taberna no oiteiro. Nem tem comparação em pessoal, nem em comércio como era antigamente.

Era um tempo de alegria. Havia para aí gente. Por todos os barrocos fora só se ouvia cantar. Hoje nem as corujas se ouvem. Só havia gente a cantar. Andava um a regar no Verão, cantava uma cantiga. Na outra fazenda, andava outra a regar, cantava outra cantiga, e era assim. Hoje nem pássaros se vêem já. Os terrenos era tudo amanhado. Havia quem tivesse juntas de bois. Agora está tudo relva.

### **"Roupa à pobre"**

Havia alfaiates na Benfeita e na minha terra ainda há um hoje. Ainda há lá um alfaiate. Mandavam-se fazer calças e camurcinas no alfaiate e era isso que a gente usava. Ao domingo tinha-se a roupa diferente. Era uma roupa à pobre, umas calças de ganga, como a gente podia, de qualquer maneira, não era o luxo como agora. E quantas vezes se andava com ela à semana e depois lavavam-na e à outra semana dava para ir para a missa. Andava-se agasalhado quando se andava. Quando não havia frio.

### **O correio**

O correio, antigamente, era uma senhora que ia a pé, a Côja, buscar as malas todas numa cesta à cabeça e levava ao Sardal. Havia também uma senhora das Luadas que vinha à Benfeita buscar a mala de Pai das Donas e das Luadas. Era naqueles saquitos de lona que elas levavam. Depois na caixa. A casa que tinha a caixa do correio é que abria a mala e a gente ia lá à pergunta dos jornais ou das cartas a essa casa. Hoje já é diferente. Já é tudo carteiros.

### **A Torre da Paz**

Dizem os antigos que a Torre foi construída quando acabou a Guerra Mundial. A Guerra durou não sei quantos anos e ainda hoje em Maio, no dia que acabou a Guerra, ela dá 1700 badaladas. Vão lá dar corda ao relógio. Ficou a Torre da Paz, o Sino da Paz. Foi no dia que acabou a Guerra. Ouço eu dizer...

## **Lugar *As origens da Benfeita***

### **De Valverde para Benfeita**

Eu li livros que diziam que antigamente, a Benfeita chamava-se Valverde. Depois, quando fizeram a capela da Senhora da Assunção disseram assim:

- "Está bem feita."

E ficou o nome de Benfeita e nunca mais foi embora o nome de Benfeita. Mudaram o nome.

Aqui há algumas alcunhas. No Monte Frio, que pertence à Benfeita, chamam "Chupa-quartilhos" de Monte Frio. Há uma terra que agora pertence à freguesia da Moura, chamam "Troca cabaças" da Relva Velha. Há os "Cavaleiros" do Enxudro, que é uma terra chamada o Enxudro. O Sardal, "Casaquinhas" do Sardal. "Ralhadores" que são os dos Pardieiros. O Pai das Donas, de onde eu moro, chamam "Burromões". Quando eu para lá vim já tinham essa alcunha. "Caiadinhos" das Luadas. Acho que é "Balseiros" da Benfeita. É "Valentões" do Pisão, "Lambajos" da Cerdeira, "Bezerros" de Côja, "Cucos" do Barril, "Corvachos" de Vila Cova, "Ratos" de Avô, "Gatos" de Alvôco, foi onde eu nasci. "Ceboleiros" da Aldeia das Dez, "Pintassilgos" de Arganil, "Rouxinóis" de Pomares.

### **Pai das Donas**

O que mudou em Pai das Donas foi haver lá estradas, telefone, luz. Não tínhamos luz em lado nenhum. Primeiro veio para a Benfeita, depois é que foi para as outras terras, a água ao domicílio e as ruas arrançadas. Mudou para muito melhor. Antigamente era só carros de bois e as pessoas a pé. Eu vim à Benfeita buscar muito carrego às costas por a encosta fora. Temos lá uma Casa de Convívio com televisão, com lareira, salas, cozinha, casa de banho. Tudo se construiu aqui há 30 anos. Não há é pessoal para a frequentar. Eu gostava era de ver lá mais pessoas, para frequentar aquilo. Há sítios piores, há melhores, há de tudo. Em Pai das Donas é que eu tenho a minha casa, é que eu tenho os meus terrenos que comprei. A terra onde eu nasci era melhor, tinha o rio ao pé. Passava aí a 100 metros da minha casa, onde eu fui criado.

## **Petróleo: fonte de luz**

Não havia luz. Era com petróleo que a gente alumia uns candeeiros. Havia diferentes candeeiros. Havia uns que levavam uma chaminezinha. Era em vidro. Enchia-se o depósito de petróleo, com uma torcida esmagada, enfiava-se. Depois tinha um registo para a gente, conforme ele ia queimando, ir virando. Chamavam os candeeiros de chaminé. Havia uns de lata, feito pelos latoeiros. Tinha uma torcidazita em redondo. Também se enchia de petróleo. Havia umas candeias que se enchiam de azeite e a gente pendurava. Era assim que se vivia noutro tempo.

## **"Alagadas na água"**

Nós lá na nossa aldeia também não tínhamos água ao domicílio. Nós temos lá água ao domicílio há 30 e poucos anos. Primeiro tínhamos lá uma nascente. Eram três tubos a deitar água. Era ali que vinham. As mulheres tinham lá uma espécie de uma poçazita, com umas lajes, onde lavavam a roupa. Estavam ali alagadas com os pés na água a lavar. Hoje já tem lá lavadouro e toda a gente tem máquina de lavar em casa. Antigamente tinham umas pedras na ribeira e estavam ali alagadas na água a lavar na água corrente. Também assim levava a sujidade toda logo "pia baixo"<sup>3</sup> para Côja. As mulheres andavam com umas tamancas abertas calçadas, com umas brochas por baixa. Assim andavam. Era conforme podiam, coitadas.

Iam às fontes ao oiteiro com o cântaro à cabeça, para o cimo do povo. Depois mais tarde, já me eu lembra muito bem, é que veio a água ao domicílio.

As levadas da água são aquelas levadas para a gente regar nas fazendas, que se tapa na barroca ou na ribeira. Portanto, ia começar à ponte fundeira, e depois a gente ia cortando. Cada qual, ia chegando a sua vez, ia cortando para regar a sua propriedade "pia cima"<sup>4</sup>. E servia de caminho para a gente passar. As levadas eram fundas e ao lado tinha uma paredezinha. A gente passava por cima daquela parede, às vezes, por dentro da levada.

No tempo da praia vem muita gente à Benfeita. Tem a praia no Verão. A água era mais límpida. Os rios não estavam poluídos.

<sup>3</sup>por aí abaixo

<sup>4</sup>por aí acima

## ***Pessoas Os médicos da Terra***

A gente se queria um médico tinha que ir a Côja ou a Arganil. Tinha que se ir a pé. Não havia estradas, não havia carros. Já vêm médicos à Benfeita aí talvez há 30 anos. Mas primeiro não vinham. Havia um senhor que era barbeiro mas sabia tanto como um médico. Ele era barbeiro mas esteve na tropa, na Companhia de Saúde. Lá aprendeu alguma coisa. Chamava-se José Augusto Martins. Isso para dar uma injeção era um ás. Deu-me muita injeção. Uma vez, tinha 16 anos, tive uma perna presa. Estive sete meses sem fazer nada e ele ia-me dar as injeções. Ia numa mula "pia cima"<sup>5</sup> ia-me lá dar as injeções a Pai das Donas. E ia por essa serra fora até ao Soito da Ruiva e isso tudo. Ia a cavalo na mula ver lá doentes.

Se se alejasse, se fosse preciso levar um ponto ou isso tudo, era esse senhor é que curava a gente. Se fosse dar um ponto num dedo ou numa perna, ele dava.

Se doíam os dentes tínhamos que amparar a cara. Punham assim umas papas de farinha, com um pano, na cara. Diz que era para deixar de doer.

O Mostarda era outro senhor que morava na Benfeita, que também fazia o mesmo. Também era barbeiro e também fazia o mesmo que o senhor José Augusto. Eram os médicos cá na terra.

## ***Quotidiano Cinco dias da semana no Centro de Dia***

Hoje trato da minha vida. Ponho a máquina a lavar, trato da roupa e faço o comer quando estou em casa. Tenho que dar uma volta à casa conforme eu posso. Venho para a Benfeita cinco dias na semana para o Centro de Dia. Vai uma carrinha lá buscar-nos e levar-nos todos os dias. Entretenho-me a jogar às cartas ou a jogar ao dominó e conversamos uns com os outros. As senhoras, umas trabalham a fazer panos, outras a jogar cartas. Outras a fazer renda e assim se vão entretendo. Ao fim-de-semana estou em casa. Outros fins-de-semana vou para o pé dos meus filhos.

O meu sonho que eu gostava era de ter mais saúde que a que tenho, que pudesse trabalhar.

<sup>5</sup>por aí acima



**José Albano Marques (1999)**

***Avaliação "Hoje não sabem o que é vida"***

Eu acho bem, de certeza. De hoje amanhã os mais novos sempre vêm a nossa vida, o que é que a gente passou. Porque eles hoje não sabem o que é vida.